



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

COMO DIALOGAR COM O CORPO: PASSOS FUNDAMENTAIS PARA A ALTA PERFORMANCE DO TERAPEUTA

José Fernando de Freitas

RESUMO

Terapeutas e Clientes gostariam que os problemas fossem resolvidos de forma rápida e eficaz. Queixa frequente das pessoas que evitam a psicoterapia é que esse processo é lento e, frequentemente, interminável. Por outro lado, os terapeutas entram em processo circular sem saber o que trabalhar e para onde deve seguir. Em geral entram em sentimentos de frustração e impotência que comprometem a autoestima profissional. As principais dificuldades dos terapeutas que identifiquei no meu trabalho como professor e supervisor são: fazer diagnóstico, analisar a dinâmica do processo e elaborar um plano de ação para o tratamento. A busca de informações básicas, essenciais e importantes tem, como fonte, para os terapeutas, a linguagem verbal do cliente. Por outro lado, a linguagem não verbal, que revela a verdadeira história emocional e as características dos traumas, são pouco conhecidas e utilizadas nos processos terapêuticos.

Palavras-chave: Corpo. Linguagem não Verbal. Psicoterapia Corporal. Consciência Sistêmica. Tratamento emocional.

A eficácia do tratamento psicoterápico necessita de dois fatores essenciais: o primeiro é um terapeuta que tenha capacidade de fazer diagnóstico preciso e que seja capaz de trazer o cliente para a realidade e solução. O segundo é trazer o cliente para o lado adulto e tirar sua criança do trauma.

Todas as dificuldades do presente têm suas origens nos traumas emocionais do passado, mais especificamente na infância. Nesse período, os traumas tornaram-se prejudiciais por não ter adultos saudáveis que pudessem acolher, cuidar e ajudar a criança a encontrar caminhos saudáveis. Se esses adultos não puderam fazer suas funções em relação às necessidades da criança, implicará a formação de defesas psíquicas. Elas têm o objetivo de fugir da realidade e criar mecanismos 'para criar uma bolha de ilusão.

Mente e Corpo – Dissociação ou Integração?

Esconder em baixo do tapete ou dentro de armários é o que a mente doente faz. Enquanto isso, o corpo continua conectado com a realidade externa e interna. A consequência é a desconexão progressiva da mente com o corpo. Além disso, o problema permanece vivo e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

influencia a forma de Pensar, Sentir e Agir do indivíduo. As situações de vida do presente são vistas e interpretadas com as percepções inconscientes dos momentos traumáticos infantis. Assim, as possibilidades de escolhas e as decisões são frutos da dor do passado. Enquanto o inconsciente age através dos sentimentos aprisionados aos traumas, a mente “consciente” e desconectada da realidade cria explicações e justificativas que sejam compatíveis com as ilusões de seu Ego.

A desconexão da mente com o corpo leva o ser a viver em diferentes níveis de realidade. Uma delas é a conexão forte e inconsciente dos traumas infantis. As outras são decorrentes da tentativa de fuga da dor com os recursos emocionais que a criança tinha naquela época. Podemos identificar os múltiplos personagens que todos nós temos e que atuam quando passamos por situações semelhantes aos traumas infantis. A análise desses personagens através de suas características, funções e objetivos dá, ao terapeuta informações extremamente úteis para ajudar o cliente a identificar os verdadeiros problemas e como solucioná-los.

O corpo vivo reage aos estímulos externos e a cria padrões de funcionamento que se repetem continuamente. Essas reações promovem a modelagem do corpo em adaptação ao meio.

Genótipo e Fenótipo

Cabe aqui esclarecer a diferença entre genótipo e fenótipo. Uma semente de laranja tem em sua essência a árvore que dará continuidade à espécie. Se for plantada em diferentes locais implicará em diferentes formas de laranjeiras. Terreno, clima, altitude, água, competição de outras árvores são alguns dos vários elementos que acarretarão as mudanças na forma da árvore e nas suas funções, como por exemplo na frutificação. A laranjeiro é o genótipo, a árvore que se desenvolveu é o fenótipo. Portanto, o genótipo é o fenótipo com as alterações do meio ambiente.

Nesse caminho, podemos ver a mesma dinâmica no corpo dos seres humanos. A possibilidade de ler e compreender as influencias do meio, tanto positivas como negativas, transforma o corpo em livro aberto à quem tiver a capacidade de ler a história escrita em todas as células e órgãos corporais.

Cegueira Emocional – Cliente e Terapeuta



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Países e grandes organizações investem grande quantidade de dinheiro em espionagem e especialistas para conhecer a realidade oculta em aliados e concorrentes. Eles sabem o grande valor das informações para definir o que fazer no futuro para o sucesso. Infelizmente, os terapeutas tendem a trabalhar com a visão superficial e errônea dos personagens dos clientes e não se conectam com os verdadeiros atores. Conectam-se com a mente e não conseguem interpretar as verdades que o corpo expressa a cada segundo. Com isso, a cegueira emocional do cliente persiste e é estimulada pelos terapeutas que não conseguem fazer a leitura corporal do cliente. Com isso, levam o processo terapêutico em um loop que repete a situação original do trauma infantil do cliente: adulto que não consegue ver e ajudar a criança a solucionar o problema e aprender a seguir para a Vida de forma saudável.

Wilhelm Reich desenvolveu a Análise do Caráter ao estudar os casos que não tinham resultados ou recidivavam com o tratamento com a psicanálise. Por sete anos investigou e chegou à conclusão que o mais importante não era o que o cliente falava. Descobriu que a forma como o cliente expressava, seu corpo e suas expressões eram as chaves para chegar ao trauma e trata-lo

Suas descobertas foram a base da Psicoterapia Neo-Reichiana. Seus seguidores desenvolveram diferentes linhas de trabalho, sendo os mais importantes: Federico Navarro (Vegetoterapia), Alexander Lowen (Análise Bioenergetica), David Boadella (Biossíntese) e Gerda Boyesen (Biodinâmica). Desenvolveram ferramentas excepcionais que poderiam e deveriam dar novos rumos ao processo psicoterápico, mas, mesmo após mais de cem anos, ainda são abordagens pouco conhecidas e utilizadas.

Ilusão e Realidade

Diante dessa constatação, a grande questão é: Por que ferramentas excepcionais são tão pouco conhecidas e utilizadas? O que aconteceu com a exclusão de Reich da psicanálise e sua perseguição representa a dificuldade de se trabalhar com a Realidade. As pessoas e as sociedades se organizam em ilusões. Quando elas se dissolvem ou estouram, geram tragédias e situações dolorosas, mas resistem o máximo que podem para não olharem para a verdade. Preferem substituir as velhas ilusões por outras que podem gerar novas explicações e justificativas.

Realidade incomoda demais e a psicoterapia é ressonante com os mecanismos de resistência humana. Os mecanismos estão disponíveis e cabe ao profissional utilizá-los com



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm. Acesso em: ____/____/____.

todo seu potencial. Aí vem outra pergunta: Por que os profissionais desqualificam e evitam a aplicação de seus métodos? Arrisco a resposta que, para mim, é óbvia: Porque as tiram de sua zona de conforto e revelam o que não querem ver. Por isso, a resistência do terapeuta é outro fator importante e fundamental para que essas técnicas sejam marginalizadas.

Limites da Terapia

Há um princípio simples e essencial que o terapeuta só consegue levar o cliente até onde já chegou. Na minha prática profissional e na de vários profissionais, o pior cliente a ser tratado é o terapeuta. Ele utiliza seus conhecimentos para aumentar sua resistência e não para evoluir em seu processo. Gostaria de dizer que esse mecanismo é inconsciente, mas não é a realidade que observo.

Muitos clientes que recebo e que já passaram dezenas de anos em terapia com um ou vários terapeutas, surpreendem-se com o conhecimento que tenho sobre eles sem precisar contar suas infundáveis histórias vazias e sem nexos. Quando corto esse enfadonho blábláblá cujo único objetivo é desviar o foco dos verdadeiros problemas, insistem em voltar ao script neurótico. No fundo o grande objetivo é vender ao terapeuta a história que montou por muitos anos e que precisa repetir muitas e muitas vezes para fortalecer a mentira interna e não entrar em contato com seu coração e sua alma.

Responsabilidade do Tratamento Terapêutico

A responsabilidade do sucesso terapêutico é daquele que deve assumir o comando do processo. Diagnóstico e tratamento são funções do profissional. Desconhecer e desviar do real propósito são direitos do cliente. Descobrir técnicas eficientes e aplicá-las são obrigações naturais de todo terapeuta que leva a sério sua profissão. Assim como elevar seu nível de consciência e cura de seus próprios traumas. Se isso não ocorrer, o psicoterapeuta deixa de ser um agente de cura e torna-se fator de piora e estagnação do cliente que o procura. Há sério risco de atuar na contratransferência e projetar seus problemas naquele que o contrata para tratá-lo. Outro ponto a ser levantado é a desqualificação da psicoterapia como método eficaz para o tratamento de problemas emocionais.

A responsabilidade é característica dos adultos. Ela pode agir em três níveis: intrapessoal, interpessoal e sistêmico. No primeiro há o compromisso em se tratar e atingir



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

níveis mais profundos da compreensão de seus próprios problemas. No segundo, buscar conhecimento técnico e aplicação para ajudar seus clientes a encontrarem caminhos de cura. A regra é trabalhar consigo para saber trabalhar com o outro. No último nível, ter consciência dos sistemas que o cliente pertence e saber que sua melhora ou piora afeta várias pessoas que se relacionam com ela. Portanto, não é apenas um indivíduo que está na frente do terapeuta. Há filhos, cônjuges, famílias, trabalho e muitas outras dinâmicas envolvidas que devem ser levadas em conta pelo profissional.

Em relação ao cliente, o que precisa estar presente para atingir os resultados necessários é o ator e não os personagens. Ele não aparece passivamente. Precisa ser parte do plano de ação do terapeuta. Não há como o cliente seguir para a cura se ainda estiver preso aos personagens criados para escapar da realidade. Por isso, trazer o lado adulto do cliente é passo fundamental para chegar aos verdadeiros objetivos da terapia.

Máscara, Sombra e Self

Ser adulto e lidar com a realidade é pré-requisito fundamental para o sucesso do profissional e do cliente. A dinâmica infantil é a consequência dos traumas infantis. Estes desenvolveram o padrão neurótico pela falta de adultos no passado. O trauma quebra a conexão com a realidade, pois a dor é extrema e insuportável. Para sobreviver, a criança lança mão dos mecanismos de defesa, também conhecidos como mecanismos de proteção. Para sobreviver, desconecta-se da vida. A partir daí, cria-se mecanismos anômalos de vida e o Ego se estabelece com as camadas de máscara – o que mostro para o mundo me aceitar – e sombra – o que escondo do mundo para não ser julgado e excluído da família. Ambos cercam o self com o objetivo inicial de proteção da essência de vida. Com o passar do tempo, esse padrão consome a energia de vida e cria um padrão de comportamento.

Traumas Emocionais – O “Corpo” da Família

O hábito cria um padrão que se estabelece a cada dia. Viver na guerra por anos destrói as referências naturais da vida. Gerações de novos seres nascem em famílias moldadas pelos traumas dos antepassados. Estes jovens nem sequer passaram pelo saudável. Assim, a cada geração, os problemas acentuam, perpetuam e são transmitidos aos próximos elementos do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

sistema. Nessa toada, os novos participantes da família perdem energia com os mecanismos de proteção dos traumas do passado e desconhecem o caminho de volta para a vida plena, saudável e natural.

Semelhante ao mecanismo individual, os sistemas também seguem os mecanismos neuróticos de sobrevivência. Temos no processo psicoterápico um indivíduo e seus sistemas. Consciente dessa dinâmica, o profissional tem sua função ampliada e se torna impossível trabalhar apenas com um ser isolado do seu meio. O passado deu referenciais que dão significado ao presente e determinam as decisões para o futuro.

A análise do corpo da família faz parte do terapeuta de alta performance. A leitura e compreensão das funções familiares são fatores relevantes para o diagnóstico e tratamento do cliente. É impossível separar um do outro. A diferença relatada anteriormente do genótipo e fenótipo aplica-se igualmente ao indivíduo e seu meio ambiente. Somos fruto dessa família e seremos as sementes das próximas. Se não tivermos consciência dessas forças que atuam em todo ser vivo se; não dermos a devida importância ao que adocece o sistema; ficaremos presos na cegueira emocional e, ao invés de sermos fatores de cura, nos tornamos agentes da doença.

Essa consciência terapêutica só é possível se o profissional a conquistou pessoalmente. Apesar de óbvio, não é o que ocorre. Todos nós terapeutas sabemos disso. Muitas vezes faz parte do nosso diálogo diário. O problema é que essas frases são vazias de conteúdo. Nossa fala está desconectada da nossa prática.

Responsabilidade Profissional

Para haver alguma coerência nessa grande ambivalência de fala e ação, criamos mais justificativas e explicações. Assim, nos transformamos em seres bons, inocentes e certos. Quem vai pagar o preço dessa ilusão? – Nossos clientes que buscam solução para seus problemas. Passamos a eles nossos mecanismos de defesa e maquiagem para dar aparência de terapia. Nós os mantemos nos traumas e na necessidade infantil de buscar adultos que possam cuidar e orientar. No fundo, desenvolve-se a relação de dependente e co-dependente que dá a ilusão ao cliente que se tornará livre e caminhar para a vida.

Prisão Emocional da “Terapia”



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Muitos clientes e possíveis clientes carregam o medo de entrar em processo terapêutico e se tornarem prisioneiros. Eles têm razão, pois, infelizmente, é exatamente isso que ocorre. Como clientes, nós somos tratados como crianças que precisam ser protegidos dos traumas da família. Os terapeutas se tornam os super-heróis que vão nos salvar dessas agruras e, para que esses papéis continuem,, deveremos ser eternamente as vítimas do meio. Assim, os super-heróis sempre terão suas vítimas fracas, carentes e vulneráveis. A regra é simples: todo salvador precisa de uma vítima que sofre pela ação de um vilão. Qualquer gibi, filme ou novela tem essa história como padrão.

Se o processo terapêutico estiver orientado para a solução dos problemas, o caminho é ajudar o cliente a se tornar adulto. Nessa dimensão de vida ele será capaz de ver a realidade sem julgamento e buscar soluções eficientes. Para isso é necessário ter novo mecanismo de Pensar, Sentir e Agir. Isso implicará a descoberta da linguagem de amor adulto que substituirá as diversas formas infantis que damos erroneamente o nome de amor.

Em essência, Amor é Liberdade. Esse princípio básico está presente nas famílias saudáveis e nas relações terapêuticas profissionais. Quando está ausente, é simples fazer o diagnóstico, pois haverá no sistema as funções doentias: vítima, salvador, perseguidor. Os sentimentos reveladores dessa doença do sistema e dos relacionamentos são fáceis de identificar: impotência/ onipotência, culpa/inocência, bondade/maldade. Essas polaridades deveriam ser banidas e não acentuadas nas relações terapêuticas. Elas são sintomas da doença emocional.

Profissional de Alta Performance

Diagnosticar é a grande arte dos profissionais de alto desempenho. O primeiro pré-requisito é conhecer o que é saudável. A razão é simples e óbvia: como identificar o que é doentio se não souber o que é saudável. Quando temos esse conhecimento instalado profundamente na alma, qualquer dinâmica doentia fica muito evidente. Mas, se o profissional estiver adoecido, não conseguirá identificar. Se não vê dentro de si mesmo, será impossível diagnosticar e tratar o cliente. Quando isto acontece, um cego guia o outro para andar em círculo. Ou melhor, traz o cliente para a bolha de ilusão que o terapeuta chama de realidade.

Se esse profissional estiver em supervisão, a doença se revela e haverá: 1- identificação do processo doentio; 2- orientação para o tratamento pessoal do terapeuta; 3- evolução do profissional através de orientação, livros e cursos; 4- mudança no processo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

terapêutico; 5- se houver necessidade, encaminhamento do cliente para outro profissional que tenha condições pessoais e profissionais adequadas à necessidade do cliente.

Nessa relação também pode ocorrer o mesmo fenômeno doentio da família e da relação terapêutica. O processo de supervisão tem como base a relação humana, portanto, está sujeita às forças neuróticas. Não há perfeição em qualquer atividade humana. Há processo de evolução e de aperfeiçoamento progressiva. Os mesmos itens do parágrafo anterior se aplicam na relação supervisor-terapeuta.

Se esses fenômenos ocorrem e há cegueira emocional, como pode ser identificado pelo profissional que está aprisionado neles? A resposta é simples: identifique se a relação é entre dois adultos ou se ela está na dinâmica mãe-bebê. Na primeira, o cliente é visto pelo terapeuta como capaz de ser autônomo e livre. O terapeuta ajuda o cliente a ver a realidade, buscar novos referenciais de vida e exercer as funções adequadas nos sistemas a que pertence. No segundo, a visão do terapeuta é que o cliente não é capaz de cuidar de sua vida e o manterá nessa dinâmica. Isso ocorre através de feedbacks negativos, desqualificações e constatações equivocadas da dependência de terapia para conseguir viver.

Assim que o terapeuta se conscientizar da dinâmica doentia que estabelece com o cliente, deverá mudar imediatamente o rumo do tratamento. Se começar a inventar desculpas e justificativas para manter o processo de dependente-codependente, estará cometendo um erro grave: usar o cliente no papel de impotente para que o terapeuta torne-se onipotente. Como é que esse profissional ajudará o cliente a se tornar potente? Se isso ocorrer, a consequência é que o terapeuta deixará de ser onipotente e dizer ao cliente o que deve fazer ou não. O objetivo saudável é tornar o cliente potente. Para isso acontecer, o terapeuta precisa respeitar o poder da função em ajudar um ser humano a seguir para a Vida. Se abusar desse poder, escravizará o cliente e o usará para se sentir superior ao outro. Isso é fruto de processos traumáticos do indivíduo que está por trás da função de terapeuta.

Outro mecanismo importante para detecção do relacionamento profissional doentio é a percepção dos sentimentos do cuidador em relação a quem deve ser cuidado.

Contratransferência

A análise da contratransferência é reveladora. Os sentimentos que o terapeuta tem em relação ao cliente mostra a dinâmica do cliente na relação com outros elementos dos seus sistemas.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Se o terapeuta souber trabalhar com a contratransferência, identificará os verdadeiros problemas que precisa tratar no cliente. Assim, é uma excelente ferramenta para o diagnóstico e elaboração de plano de ação do tratamento.

Caso contrário, se o psicoterapeuta não tiver consciência dos fenômenos de transferência e contratransferência, irá atuar seus sentimentos na relação terapêutica. As consequências são gravíssimas. Ocorrerá a mistura de dois processos neuróticos: do profissional e do cliente. Esse conluio doentio agrava as dinâmicas doentias de ambos.

A responsabilidade de levar a relação para níveis saudáveis é sempre do profissional. Ele deve saber o que fazer na condução do processo e na evolução da consciência do cliente em seus três níveis: intrapessoal, interpessoal e sistêmica. Para isso precisa ser adulto e respeitar sua função profissional.

Relação Cuidador-Cuidado

As relações que envolvem as funções de cuidador e cuidado deveriam seguir os princípios básicos da natureza. A primeira experiência ocorre na relação mãe-bebê. Ela é a base para todas as outras relações análogas durante a vida.

A mãe exerce sua função com o objetivo de ajudar a criança se tornar cada vez mais autônoma. Em síntese, se a mãe fizer sua função saudável, a criança saberá ser mãe de si mesma no futuro. Portanto, a mãe passa a função para o filho. Passa o poder e a obrigação para o lado adulto da criança. A consequência é que a função mãe da mulher diminuirá e fortalecerá cada vez mais suas outras funções: mulher, esposa, profissional, pessoal. Se essa mulher continuar apegada à função mãe, sabotará todas as outras funções naturais de sua própria vida e, por outro lado, manterá o filho fraco e incapaz de exercer as funções: adulto, sexualidade, relacionamentos afetivos, profissionais, caminhar para sua própria vida.

Na outra polaridade está a função do pai. Ao passar a função para o filho, ajuda-o a tornar-se responsável pelo seu futuro. Se este homem souber dosar a função pai com as outras funções importantes do masculino, o filho terá referencial amplo do que é ser homem, profissional, marido, pai, filho adulto.

A sexualidade existe na relação do homem e da mulher que estão na essência de seus pais, muda profundamente a visão dos filhos em relação a: relacionamentos afetivos; casamento; construção de sua própria família; maternidade e paternidade; trabalho; dinheiro; objetivos de vida.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Realidade no Corpo

Todos esses degraus de evolução afetam a alma e, conseqüentemente, o corpo. A função define a forma. Podemos ver no corpo do cliente a história real de seu processo de evolução. Distinguir a realidade do corpo das múltiplas histórias criadas pela mente para proteger o indivíduo de seus traumas infantis, faz a diferença.

A capacidade do terapeuta em captar e interpretar as histórias escritas pelas experiências da vida é o ponto principal do profissional de alta performance. O corpo revela as verdades vivenciadas pela essência do cliente. A mente cria mentiras para fugir dos traumas.

Ao identificar as discrepâncias entre as mensagens do corpo e da mente, o terapeuta vê com clareza os traumas, as defesas criadas para se defender. A análise das características desses mecanismos revela a época do trauma e os problemas que a criança enfrentava na ocasião do trauma.

Revelações do Corpo – Passivo e Ativo

O corpo fala de forma passiva e ativa. Na primeira captamos as mensagens da forma e das expressões corporais e faciais habituais. Semelhante a analisar uma foto. Na segunda, é dinâmica e reage diante de estímulos do meio, do terapeuta, dos temas abordados, dos fatos apresentados, das várias interpretações dos fatos revelados. A habilidade do terapeuta em ser ativo e intervir além das resistências do cliente traz as verdades ocultas pela camada superficial do cliente. Essa dinâmica revela vários personagens internos ocultos e que atuam de maneira consciente e/ou inconsciente.

A verdade é o melhor caminho para o tratamento eficaz da alma do cliente. Ajudar o indivíduo a conectar-se com a vida real só ocorre quando o terapeuta trabalha com o lado adulto dele mesmo e do cliente. Evitar conscientemente cair nas armadilhas transferenciais e contratransferenciais. Para isso não deve estimular a infantilização do cliente e criar mecanismos de dependência e codependência que fortalecem dinâmicas neuróticas das duas pessoas envolvidas na relação terapêutica: o profissional e o cliente.

As informações que o corpo transmite são limitadas pela capacidade do profissional que está diante do cliente. O nível de consciência pessoal e profissional do terapeuta determina os rumos e os resultados da terapia.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, José Fernando. Como dialogar com o corpo: passos fundamentais para a alta performance do terapeuta. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 136-147. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

A Análise do Caráter criada por Wilhelm Reich e aprimorada por seus múltiplos seguidores (Ola Raknes, Federico Navarro, Gerda Boyesen, Alexander Lowen, David Boadella) trouxe para os profissionais da psicoterapia excelentes ferramentas para a compreensão profunda dos seres humanos. Com elas, podemos fazer diagnósticos rápidos e precisos, assim como determinar os objetivos do tratamento e trabalhar com eficiência para alcança-los.

Conclusão

O terapeuta pode e deve compreender as verdadeiras causas do sofrimento de seus clientes. Identificar a origem nos traumas emocionais infantis. Fortalecer o adulto do cliente para poder tirar sua criança das situações traumáticas que aprisionam o ser humano ao passado. E, para isso, precisa discriminar a realidade dos fatos das mentiras criadas pela mente infantil que era incapaz de resolver seus problemas. Diagnóstico rápido e preciso associado com intervenções eficientes são características básicas do profissional de alta performance. Para atingir esses objetivos, o corpo do cliente é um excelente guia e revela o que a mente oculta. O maior limite do processo terapêutico é a capacidade do terapeuta em saber conduzir o trabalho para seus verdadeiros objetivos.

REFERÊNCIAS

BOADELLA, D. **Nos Caminhos de Reich**. São Paulo: Summus, 1985

HELLINGER, B. **Ordens do Amor**. São Paulo: Cultrix, 2003

LOWEN, A. **O Corpo em Terapia**. São Paulo: Summus, 1977

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995

SHELDRAKE, R. **Uma Nova Ciência da Vida**. São Paulo: Cultrix, 2014

AUTOR e APRESENTADOR

José Fernando de Freitas / Ribeirão Preto / SP / Brasil

Médico Gastro- Cirurgião (CREMESP – 39.462) formado na Escola Paulista de Medicina. Analista em Psicossomática. Psicoterapeuta corporal Neo-Reichiano com especialização em Análise Bioenergética, Biossíntese e Biodinâmica. Constelador Sistêmico Familiar e Organizacional

E-mail: contato@fernandodefretas.com.br